

ÁRVORE, DE RUBEM BRAGA

Alta, muito alta, e branca, muito branca, de olhos verdes... Sonhei ter visto uma jovem assim? Terei sonhado ou sonhei que sonhava; não sei; essa moça devia ser irmã da árvore; o que vi foi a árvore, a vez primeira em noite de luar, erguendo para a noite azul os seus galhos unânimes. Mas de manhã, quando abri a janela, e o sol nascia sobre a cordilheira, é que ela esplendeu em toda sua beleza. Em muitos caminhos da Europa e do sul do Brasil vi essa árvore; é um álamo, e foram os álamos que inventaram todas as alamedas deste mundo. Em minha rua santiaguina também há muitos; mas o mais alto de todos, o mais forte em viço, em beleza, está junto à calçada no meu jardim.

Sou um homem confuso e distraído: minha rua chama-se Roberto Del Rio e na primeira madrugada, quando voltava para casa, disse ao chofer que morava em Roberto Del Mar. O velho chileno riu muito dentro de seu casaco escuro, atrás de seus bigodes brancos; mas quando chegamos à rua e ele me perguntou o número da casa não precisei puxar meu caderno de endereços para responder; apontei a mais de cem metros o meu álamo real.

Nenhuma árvore se lança com tanta veemência para o alto; lança-se o enorme tronco muito branco, lançam-se todos os galhos cobertos de folhas, num impulso de chama verde, vinte jatos de água partindo todos para cima, ao longo da mesma reta vertical.

Há um pinheiro estático e extático, há grande salso-chorões derramados para o chão, e a graça menina de uma cerejeira cor de vinho, que o sol oblíquo acende e faz fulgurar; mas o álamo junto do portão tem um vigor e uma pureza que me fazem bem pela manhã, como se toda manhã, ao abrir a janela, eu visse uma jovem imensa, muito clara, de olhos muito verdes, de pé, sorrindo pra mim.

Publicada no Correio da Manhã

Rio de Janeiro, RJ

19 de abril de 1955

CRÔNICA DOS AFETOS: A VIDA VEGETAL EM *ÁRVORE* DE RUBEM BRAGA

Agraciar o cotidiano, a experiência particular, em seu efeito literário. Eis a função da crônica ao modelo de Rubem Braga. Eduardo Coutinho, em seu trabalho sobre a obra de Braga, afirma que apesar das mudanças conceituais pelas quais a crônica passou, iniciada com fins jornalísticos, históricos e traduzida posteriormente para o campo do literário, mantém sua raiz como *escrita do tempo*. Assim, trata-se do manejo da memória afetiva, da experiência de apreender o mundo no dia a dia e traduzir para a palavra escrita.

Rubem Braga, ao ser o único autor brasileiro a ter um trabalho exclusivamente de crônicas, se situa como alguém que carregou o cotidiano e o afeto temporal como pilares de sua escrita, de sua vida. Eduardo Coutinho discute ainda o fato de que, apesar da crônica como gênero surgir na França do século XIX, o Brasil em seu trabalho de transformá-la fundou uma face muito particular e profundamente brasileira.

O que se encontra em Braga, portanto, em sua condição de cronista brasileiro herdeiro do modernismo, é a exposição da experiência subjetiva através da experiência do trivial. Em *Árvore*, o álamo que ocupa a posição de “personagem principal do relato” é tomado como tal a partir das divagações subjetivas do observador. A natureza é tematizada por Braga da forma como é percebida na urbanidade: como parte de um ambiente ao qual nem sempre se designa atenção, mas que para os observadores interessados está carregado de afetos em potencial. É a natureza que vemos no caminho das atividades diárias: na rua, nas praças, nos pontos verdes que não foram ainda tomados pela frieza do concreto. Para aqueles que nascem e crescem nas cidades, essa é a natureza com a qual se entra em contato.

Em termos especulativos, é possível propor alguns motivos pelos quais o urbano brasileiro, ao menos em áreas de floresta atlântica, mantém tanta distância da natureza densa, a começar pela estrutura da floresta brasileira. Diferente da floresta temperada e das coníferas europeias e norte americanas, que permitem ao caminhante espaços amplos e de acesso facilitado, a floresta atlântica é densa e não concede passagem com a mesma facilidade. O hábito corriqueiro de passear, de admirar a floresta por dentro, não se estabeleceu da mesma forma no Brasil como na Europa. Isso se apresenta até

mesmo na linguagem, na falta de equivalência plena para o termo *Wanderer*, por exemplo, utilizado para designar os praticantes desse passeio observador.

Além disso, onde a urbanidade é intensa, o ensino da proximidade com a natureza é escasso. Noções como a de sustentabilidade e ecologia permanecem razoavelmente distantes, como se dissessem respeito a algo que não está propriamente ali, nas cidades. Parece haver a falsa sensação de que, por conta dessa distância, a mata sempre estará lá, em seu canto, sem imprimir efeitos na vida da cidade. Uma ilusão de que as tragédias ambientais não passam disso: eventos soltos no tempo e espaço. As evidências de que isso não procede, no entanto, não cansam de se firmar.

Mas as tentativas urbanas de suprimir, ou ao menos controlar o natural, deixam escapar o fato de que a natureza não é um objeto que ao ser colocado no mundo humano corresponderá às expectativas humanas e se sustentará fixa. No espaço que lhe foi roubado, a natureza nasce nas rachaduras da calçada e se movimenta de novas formas. Mas mais do que isso: sua primazia permanece impressa na simbologia da vida humana.

“Em muitos caminhos da Europa e do sul do Brasil vi essa árvore; é um álamo, e foram os álamos que inventaram todos as alamedas deste mundo”, diz Rubem Braga. E, de fato, inventaram. Alamedas, em sua origem, são caminhos desenhados pela presença de árvores alinhadas. Nas palavras, no espaço que utilizamos diariamente, a natureza persiste como elemento originário encoberto.

A árvore foco da crônica aparece para a voz do texto como árvore *afetiva*. Como as árvores que ficam no imaginário infantil porque eram boas de subir, pois ornavam a rua na frente de casa. Aquelas que marcam o espaço com significado psíquico. Um trabalho como o de Rubem Braga na crônica em questão pode não ir muito além do olhar humano, pode não se sustentar tanto assim fora de uma lógica do antropoceno. No entanto, tornar dito o afeto e a relação íntima com a vida vegetal pode ser um passo significativo em uma possível mudança de paradigma.

Se a natureza presente no urbano é aquela à qual grande parte dos brasileiros tem acesso, então talvez através dela seja possível produzir uma relação mais íntima, como dizer: a vida vegetal não está lá longe, numa viagem para a Serra do Mar, está aqui também. E, quem sabe, com essa noção, possa haver campo frutífero para nascimento de relações mais ecológicas com o espaço natural intocado.

Neste sentido, a literatura ganha espaço privilegiado. O consumo de conteúdo que considere criticamente as questões de ecologia, que coloque em pauta a natureza como viva, como complexa, poderia ser uma via interessante para a educação ecológica dos sujeitos. No entanto, num nível ainda mais corriqueiro do que o da literatura extensa, crônicas como a de Rubem Braga aproximam a vida vegetal do cotidiano. No objetivo do gênero de dar palco para os detalhes do corriqueiro, a consciência da presença significativa da natureza no planeta, mesmo nas áreas que não são costumeiramente consideradas como conectadas com o natural, traz à luz essa existência constante e por vezes encoberta da vida vegetal.

O que a lógica da crônica significa para a vida humana então é o hábito de olhar e escutar, mais do que de produzir e dizer de algo. É partir do pressuposto de que há algo que acontece, que vive, mesmo quando não percebido pelo ser humano. Mas que ao tomar tempo para observar, em uma curiosidade genuína sobre o que é que se pode encontrar no espaço, é possível descobrir mais sobre a vida que acontece silenciosa e fora do movimento produtivo humano.

No fim das contas, o tempo vivido e o espaço frequentado têm efeitos, sejam eles conscientes ou não, na constituição dos sujeitos. Os objetos de nossos afetos nos formam em uma lógica dialética independente de nossa percepção. Muito como em um tratamento psicanalítico, escutar e encontrar novas significações para aquilo que sempre esteve presente na vida, ou que surgiu de repente, dá cores novas à elaboração da vida. E as consequências desse processo no campo das relações, seja com outros humanos ou com o ambiente, é uma afetividade menos fixa, mais acolhedora.

Referências:

COUTINHO, F. E. *A crônica de Rubem Braga: os trópicos em palimpsesto*. Revista Signótica, v. 18, n. 1, p. 43-57, jan./jun. 2006.